

Morte que se Aproxima: Clausewitz e a Contrainsurgência Abrangente

Capitão-Tenente Brett Friedman, Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA

EM 1840, O general prussiano Carl von Drecker foi à Argélia francesa como observador militar. Na campanha francesa contra a insurgência de Abd El-Kader, deparou-se com uma guerra completamente diferente daquela que havia estudado na Europa. Drecker não viu utilidade alguma na obra *Da Guerra*, de Carl von Clausewitz, escrita apenas oito anos antes, para derrotar uma insurreição de guerrilheiros. Drecker observou que, contrariamente ao proposto na obra de Clausewitz, não era possível identificar um “centro de gravidade” na guerra irregular. Acrescentou: “Os melhores artifícios de nossos mais novos teóricos da guerra perdem seu poder mágico [...] com efeito, a mais sublime ‘Teoria da Grande Guerra’ se tornará obsoleta e será preciso [...] formular uma teoria nova”¹.

Surgiria, de fato, uma nova teoria, focalizada nas dificuldades inerentes ao enfrentamento de insurgências. As lições aprendidas pelos franceses em locais como o Vietnã, Marrocos, Madagascar e Argélia se transformariam nos alicerces intelectuais da escola de contrainsurgência “centrada na população”. Militares franceses, como Joseph Gallieni e seu substituto, o Marechal Louis Hubert Gonzalve Lyautey, fizeram bom uso de métodos centrados na população, e David Galula registrou-os em sua famosa obra *Counterinsurgency Warfare: Theory and Practice* (publicada no Brasil com o título *Teoria e Prática da Contra-Rebelião*). No âmago da contrainsurgência centrada na população está a crença de que o segmento civil da sociedade é o centro de gravidade e que, se os contrainsurgentes



Carl von Clausewitz, óleo sobre tela, de Wilhelm Wach, 1830.

conquistarem sua lealdade, a insurgência será derrotada. A mais recente expressão dessa escola é a atual doutrina de contrainsurgência do Exército e do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (EUA), constante do Manual de Campanha 3-24 — *Contrainsurgência (FM 3-24 — Counterinsurgency)*.

Contudo, uma outra teoria sustenta que colocar o foco na população é tolice e que os contrainsurgentes devem se concentrar, exclusivamente, na perseguição e destruição dos combatentes insurgentes. Teóricos como o Coronel Gian Gentile, do

O Capitão-Tenente Brett Friedman é Oficial de Artilharia de Campanha do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA. É, atualmente, o Comandante da

Bateria A, 1º Batalhão, 10º Regimento de Fuzileiros Navais. Cursa o mestrado em Segurança Nacional e Estudos Estratégicos no U.S. Naval War College.

Exército dos EUA, Professor da Academia Militar de West Point; o Coronel Ralph Peters, da Reserva Remunerada do Exército dos EUA; o teórico israelense (e crítico de Clausewitz) Professor Martin Van Creveld; e o teórico militar britânico William F. Owen negam, enfaticamente, a utilidade de métodos centrados na população, afirmando que localizar e destruir o inimigo é o caminho para o sucesso na contrainsurgência.

O problema é que essas duas teorias estão erradas. Ambas apoiam-se em um entendimento equivocado sobre o conceito de centro de gravidade e sobre a teoria de Clausewitz como um todo. Pressupõem uma relação previsível e estática entre o inimigo, a população civil e a própria insurgência. Apesar das objeções de Drecker, é Clausewitz quem oferece a melhor contribuição para o entendimento sobre insurgências, e suas ideias revelam que é preciso um método mais abrangente para que uma operação de contrainsurgência tenha êxito. Infelizmente, uma dicotomia entre essas ideias equivocadas sobre o foco no inimigo ou na população domina o debate, a ponto de ofuscar a realidade. Em *Da Guerra*, a recomendação mais importante de Clausewitz é que os estadistas e os comandantes entendam o tipo de guerra em que estejam envolvidos. Contudo, também precisam, antes de mais nada, entender a própria guerra.

A Trindade

Este artigo ressalta que o reducionismo analítico inerente a ambas as ideias citadas tem obscurecido as teorias e a prática da contrainsurgência. Para esse fim, utiliza como foco o apoio de terceiros a nações anfitriãs que estejam combatendo uma insurgência, também conhecido por Defesa Interna no Exterior.

A teoria central em *Da Guerra* é a “trindade paradoxal”, que descreve as forças que afetam a guerra e o combate. Clausewitz acreditava que se podia pensar na guerra como estando suspensa entre três “ímãs”: a violência, o ódio e a inimizade primordiais; o acaso e a probabilidade; e a subordinação da guerra à política racional. Conectou, ainda, cada um desses aspectos a uma manifestação física como exemplo. A população

é geralmente associada com o ódio e violência primordiais, e as Forças Armadas com o acaso e a probabilidade. O governo é responsável pela política.

Embora alguns tenham usado essa estrutura para alegar que as ideias de Clausewitz não se aplicam a atores não estatais e irregulares, vale lembrar que a trindade secundária era apenas um exemplo de como a trindade primária pode se manifestar. Esses três conceitos existem em uma insurgência da mesma forma que em qualquer outra guerra. Embora não possuam, em geral, uma Força militar ou governo formais — pelo menos inicialmente — as insurgências contam com combatentes irregulares; formulam objetivos políticos e buscam estabelecer órgãos governamentais; e se originam da população. Quer tal manifestação esteja presente quer não, a trindade primária subjacente continua existindo. Clausewitz afirmou ainda: “Uma teoria que ignore qualquer um deles, ou que procure estabelecer uma relação arbitrária entre eles, estaria a tal ponto em conflito com a realidade que somente por esta razão seria totalmente inútil”².

Apesar dessa advertência, os teóricos modernos da contrainsurgência têm, de fato, ignorado os componentes da trindade e seu caráter interligado. As duas teorias ignoram dois dos três aspectos da trindade e, além disso, pressupõem uma relação arbitrária entre o inimigo, a população e os objetivos políticos da insurgência como um todo que não existe.

Os teóricos que defendem o foco na população preveem que, sem ela, as Forças militares insurgentes não poderão ou não continuarão a buscar seus objetivos políticos. Da mesma forma, os teóricos centrados no inimigo pressupõem que o desgaste vá, por si só, sobrepujar a determinação deste último e que a população vá, então, simplesmente adotar os objetivos políticos dos contrainsurgentes.

Essas ideias são o resultado de se confundir os meios com os fins. Conquistar o apoio da população ou eliminar e capturar insurgentes são meios para influenciar a determinação do inimigo, e não fins por si só. Falando em termos da trindade paradoxal de Clausewitz, os teóricos da atualidade

propõem remover um “ímã”, acreditando que os outros dois se tornarão automaticamente irrelevantes.

Isso se deve ao fato de os teóricos buscarem por um centro de gravidade sem entender o conceito em si. Clausewitz o descreveu como “o ponto central de todo o poder e de todo o movimento, do qual tudo depende”. Citou, ainda, exemplos de centros de gravidade, mas não os conectou, em momento algum, a nós específicos da trindade³. O centro de gravidade existe entre os nós e os conecta, age sobre eles e sofre sua ação. Consiste em um líder carismático ou uma ideologia popular, para utilizar dois dos exemplos apresentados pelo teórico prussiano. Assim, passa de um a outro nó com o pêndulo. Napoleão, como centro de gravidade, incitou a população, dominou a política e comandou o exército. As duas escolas de contrainsurgência não apenas identificam o centro de gravidade incorretamente, como também pressupõem, erroneamente, que ele seja estático.

A teoria de sistemas também mostra como a atual visão sobre contrainsurgência está equivocada. Essa teoria ensina que há dois tipos de sistema. Os sistemas estruturalmente complexos, ou lineares, funcionam de modo previsível e se compõem de partes com pouca liberdade de movimento. Exemplos de sistemas estruturalmente complexos incluem automóveis, metralhadoras e obuseiros. Por outro lado, os sistemas interativamente complexos ou não lineares se constituem de componentes com liberdade de ação e interação de maneiras imprevisíveis. Exemplos de sistemas interativamente complexos incluem a economia, a diplomacia, a guerra (incluindo as insurgências) e o combate.

Para que qualquer uma das duas teorias principais sobre contrainsurgência fosse viável, seria preciso pressupor uma relação de causa e efeito previsível e replicável entre os componentes. No caso da contrainsurgência centrada no inimigo, a premissa é que a derrota tática dos combatentes



Força Aérea dos EUA, 2º Sglt Steven R. Doty

Cabo do Exército dos EUA prevê segurança junto a soldado do Exército Nacional Afegão em uma base militar afegã na Aldeia de Parwa'i, no leste da Província de Nuristan, Afeganistão, 26 Ago 10.

insurgentes provocará o colapso da insurgência. A escola centrada na população pressupõe o mesmo tipo de apoio popular aos insurgentes. Essa lógica funcionaria se as insurgências fossem estruturalmente complexas: corte a linha de combustível de um carro e ele para de andar. Contudo, uma insurgência não é uma máquina composta de peças detalhadas que operam de um modo fixo e previsível, e uma visão assim tão simplista está fadada a ser incorreta. Ao contrário, as insurgências são entidades dinâmicas e não lineares, cujas partes interagem de maneiras imprevisíveis e complexas.

Práxis

As insurgências não fracassam apenas por não terem o apoio da população ou por sofrerem uma derrota no campo de batalha. Afundam-se lentamente em uma maré ascendente de derrotas em várias dimensões, em meio à população, no campo de batalha e quanto a seus objetivos políticos. Estratégias simplistas que ignoram esse ponto fracassarão. O pêndulo de Clausewitz pode ser movimentado e a “linha de combustível” do sistema cortada, mas a trindade se realinhará e o sistema se recuperará. Em vez disso, os nós da trindade precisam se conquistados e o sistema dos insurgentes, inundado. As insurgências morrem por sufocamento, por uma falta de liberdade para se corrigirem. Clausewitz aludiu a isso ao afirmar que, para ter êxito, uma insurgência “não pode manter-se onde a atmosfera estiver excessivamente cheia de perigos [...] [e] isto deve ser feito a uma certa distância, onde exista ar suficiente e onde a revolta não possa ser abafada através de um único golpe”⁴. A Força contrainsurgente que ignorar a Força militar dos insurgentes, a população da qual se originam ou a legitimidade e eficácia do governo ao qual eles se opõem fornecerá uma vulnerabilidade que a insurgência poderá explorar.

Métodos efetivos de contrainsurgência negam ar e espaço aos insurgentes. Para eliminar a distância entre a teoria e a prática, o contrainsurgente deve fundir os dois métodos, criando uma estratégia abrangente, que seja flexível o suficiente para mover-se entre os três aspectos da trindade, sem

ignorar nenhum deles. Pode ser que, quando se trata de derrotar uma insurgência, não haja um único centro de gravidade decisivo que leve ao êxito. Os contrainsurgentes não vencerão uma “Batalha de Gettysburg” ou “de Stalingrado”. Em vez disso, a vitória se encontra na culminação de uma crescente maré de desgaste, subversão e coerção.

Os contrainsurgentes devem formular uma estratégia abrangente que crie, nas mentes dos insurgentes, uma sensação de morte inevitável e cada vez mais próxima a cada momento. Como a guerra é um confronto de vontades, e a vontade, ou determinação, do oponente é uma entidade psicológica, somente os meios psicológicos (incluindo os efeitos psicológicos da derrota em combate) podem realmente atacá-la. Os combatentes insurgentes devem ser perseguidos de modo implacável, violento e resoluto de modo que o acaso e a probabilidade pareçam, cada vez mais, tender em direção à sua extinção. Devem ver a consecução de seus objetivos políticos racionais tornar-se cada vez mais improvável, à medida que a legitimidade e a efetividade do governo do país forem aumentando. Devem perceber que o entusiasmo da população por sua causa está sendo minimizado ou neutralizado pelas Forças da contrainsurgência.

O contrainsurgente deve destruir a determinação e a psicologia do inimigo utilizando a trindade secundária de Clausewitz como um canal para afetar a trindade primária. As relações entre os componentes da trindade irão, inevitavelmente, retrair-se e expandir-se como as marés, e é preciso saber navegá-las com a constante adaptação da Força contrainsurgente. As marés evocam as recomendações do Coronel John Boyd de “enredar [o] adversário em um mundo de incerteza, dúvida, desconfiança, confusão, desordem, medo, pânico [e] caos”⁵ e “intensificar sua fricção interna, produzir paralisia [e] provocar seu colapso”⁶. As duas principais escolas de pensamento são insuficientes, e o contínuo debate entre elas dificulta o avanço rumo a um melhor entendimento. Somente uma teoria abrangente sobre a vitória que considere todos os três aspectos da trindade secundária

como método para afetar a trindade primária do inimigo na busca de fins políticos levará a efeitos estratégicos decisivos.

Cabe observar que a Força militar contrainsurgente não é exclusivamente responsável pela condução de uma estratégia abrangente, nem aparelhada para esse fim. A contrainsurgência é um empreendimento de âmbito nacional. A estratégia militar deve inserir-se na estratégia mais ampla. Embora os combatentes insurgentes ativos nem sempre sejam o centro de gravidade, derrotá-los é decerto um bom passo rumo ao êxito. Assim, a estratégia militar e as Forças militares incumbidas de sua execução devem concentrar-se na eliminação e captura de insurgentes. Contudo, outros elementos do poder nacional devem contribuir. Além disso, conquistar a confiança da população local pode desempenhar um papel em uma estratégia mais ampla. É quando esses dois métodos passam a ser fins que a estratégia se desintegra.

...conquistar a confiança da população local pode desempenhar um papel em uma estratégia mais ampla.

História

Há inúmeros exemplos históricos que ilustram as observações feitas anteriormente. Na Revolução Americana, a Grã-Bretanha deslocou Forças para as colônias do Sul, esperando tirar proveito dos sentimentos antisseparatistas daquela região. Em vez disso, sua presença provocou praticamente uma guerra civil entre patriotas e antisseparatistas, o que anulou qualquer ganho militar britânico. Na Segunda Guerra dos Bôeres, os bôeres foram derrotados pelos britânicos em combates extremamente convencionais, mas passaram, então, à guerra irregular e continuaram a lutar. Durante a Guerra da Indochina, os franceses detinham o controle político no Vietnã do Sul, mas o perderam com a desastrosa derrota militar nas mãos dos insurgentes em Dien Bien Phu. Os franceses na

Argélia e os norte-americanos no Vietnã descobriram que o êxito militar no campo de batalha pode ser desfeito por acontecimentos políticos no âmbito nacional.

Há, também, um elemento comum às ações bem-sucedidas de contrainsurgência. Durante a Insurreição Filipina, o Exército dos EUA fundiu ambas as ideias para obter êxito. Os britânicos acabaram derrotando os bôeres com uma combinação de táticas políticas, centradas no inimigo e centradas na população. Na Malásia, o Plano Briggs agregou métodos políticos e centrados na população às operações militares britânicas em curso, obtendo sucesso contra os insurgentes comunistas. Durante a rebelião dos huks nas Filipinas, o agente da Agência Central de Inteligência (CIA) Edward Lansdale e o político filipino Ramon Magsaysay conceberam uma campanha abrangente de contrainsurgência, que levou ao êxito. Em Sri Lanka, combates violentos e a marginalização da população tâmil, aliados a fatores geográficos, sobrepujaram a insurgência no decorrer de 25 anos, entre 1983 e 2009. No Iraque, em 2006, foi a maior presença de tropas norte-americanas, aliada ao fato de a população ter se virado contra os insurgentes, que levou ao sucesso. Um dos melhores exemplos foi a contrainsurgência francesa em Madagascar, onde Gallieni, um dos criadores da contrainsurgência centrada na população, empregou uma combinação de força, assuntos civis e controle político para debelar a insurreição hova. Gallieni descreveu esse método de sucesso como uma “combinação de ação política com ação militar”, estabelecendo, ao mesmo tempo, um “contato próximo com as populações, explorando suas tendências e mentalidade e buscando atender às suas necessidades para conectá-las, por meio da persuasão, às novas instituições”⁷. Essa é uma clara descrição de uma campanha de contrainsurgência abrangente.

Estudo de Caso: Operação *Enduring Freedom*

As Forças Armadas norte-americanas estão aprendendo uma dura lição em contrainsurgência pelas mãos do Talibã, no Afeganistão. Os EUA se viram diante de uma insurgência após os ataques

do 11 de Setembro e a rápida vitória militar sobre o Talibã, no Afeganistão. Os ataques contra o World Trade Center, o Pentágono e o voo 93 precipitaram uma invasão norte-americana do Afeganistão, que servia de base para a organização terrorista Al Qaeda. O regime em vigor no Afeganistão, o Talibã, há muito fornecia áreas seguras para Osama bin Laden e o núcleo da Al Qaeda. Embora o Departamento de Defesa não contasse com um plano para atacar a Al Qaeda no Afeganistão, a Operação *Enduring Freedom* foi habilmente planejada e executada, com forte envolvimento da CIA⁸. Uma campanha extremamente rápida, baseada nas Forças de Operações Especiais e no fornecimento de apoio à Aliança do Norte, derrubou o governo talibã em menos de um mês⁹. Em dois meses, forçou a liderança da Al Qaeda, incluindo Osama bin Laden, a fugir para o Paquistão¹⁰. O emprego de um método centrado no inimigo para derrotar a Al Qaeda e o Talibã no Afeganistão pareceu ser a opção certa inicialmente, já que, no final de 2001, o êxito norte-americano havia deixado aquele país sob o controle dos EUA e livre de uma resistência significativa.

Nessa época, após terem obtido sucesso no âmbito militar, os EUA tinham uma excelente oportunidade para se concentrar nos outros componentes da trindade, a fim de consolidar seus ganhos contra um ressurgimento do Talibã. O Afeganistão permaneceu relativamente tranquilo durante anos após a vitória sobre o Talibã. Em consequência, manteve-se uma quantidade mínima de tropas estrangeiras naquele país. Com efeito, foi a menor Força de manutenção da paz dos EUA desde a Segunda Guerra Mundial, chegando a apenas 6 mil militares norte-americanos¹¹. Infelizmente, a liderança da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) desperdiçou essa oportunidade para buscar avanços nos campos do governo e da população no Afeganistão.

Em 2003, o Embaixador dos EUA no Afeganistão, Zalmay Khalilzad, e o General David Barno, do Exército dos EUA, comandante militar naquele país, fizeram grande progresso rumo a uma estratégia mais abrangente¹². Entretanto, a estratégia entrou em colapso conforme recursos e

talentos foram sendo transferidos do Afeganistão para a guerra em curso no Iraque. Os EUA não consideravam o Talibã uma “ameaça estratégica” nessa época, acreditando que sua vitória militar sobre a organização havia sido suficiente para destruí-la¹³. O país recebeu poucos recursos, muito menos que a assistência *per capita* fornecida à Bósnia em meados dos anos 90¹⁴. Douglas J. Feith, Subsecretário de Defesa para políticas, observou que a “construção nacional *não* é nosso objetivo estratégico” (ênfase no texto original)¹⁵. Em 2008, o então Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior, Almirante Michael Mullen, descreveu as ações no Afeganistão naquela época como uma missão de “economia de meios”¹⁶. As tropas norte-americanas no Afeganistão foram encarregadas de “perseguir o Talibã e a Al Qaeda”, e não de fornecer ajuda ao governo ou à população daquele país¹⁷. Apesar de melhoras na economia do país, as Forças do Afeganistão e da OTAN começaram a pagar o preço por terem negligenciado a trindade de Clausewitz¹⁸. Entre 2005 e 2006, a quantidade de ataques suicidas quadruplicou, e a de outros ataques armados triplicou¹⁹. Após uma trégua com o Paquistão, as Forças talibãs se reorganizaram e começaram a concentrar seus esforços em reaver o Afeganistão das Forças da OTAN²⁰. Insuficientes esforços nas três dimensões da trindade de Clausewitz proporcionaram essa oportunidade ao Talibã. Nesse caso, até uma ação militar mais forte no Afeganistão não o teria impedido de se reorganizar no Paquistão e voltar a atacar.

Ao contrário da estratégia da OTAN, a ofensiva do Talibã em 2006 estava mais alinhada com a trindade. Ao mesmo tempo que continuava a combater as Forças da OTAN, o Talibã estabeleceu um “governo paralelo”, com o intuito de fornecer à população uma alternativa ao governo afegão sob o Presidente Hamid Karzai²¹. O Talibã chegou a planejar o assassinato de líderes religiosos que apoiavam o governo de Karzai, para impedi-los de convencer a população a apoiar o Presidente afegão²². No final de 2008, a crescente violência levou o governo Bush a conduzir uma análise de seus esforços no Afeganistão. Essa análise revelou que a violência havia aumentado em 500% em cinco



Batalha de Reichshoffen, 6 de agosto de 1870, de Aimé Nicolas Morot, 1887.

anos, e que a aprovação dos afegãos em relação às Forças da OTAN havia sofrido uma queda de 33% em relação ao ano anterior. Essas constatações levaram ao envio de um reforço de 10 mil soldados aos 32 mil presentes na época²³. Em junho de 2009, o Congresso dos EUA confirmou a seleção do General Stanley McChrystal para o comando das Forças da OTAN no Afeganistão, e o então Secretário de Defesa Robert Gates determinou que o general conduzisse uma análise estratégica da situação²⁴.

Essa análise constatou que as Forças da OTAN estavam “desconectadas” da população afegã e “focalizadas na proteção de suas próprias Forças”²⁵. Além disso, segundo o relatório produzido, as instituições estatais afegãs eram fracas, existia um grau elevado de corrupção e havia grande frequência de abusos por parte do governo afegão²⁶. O relatório recomendou uma ação de contrainsurgência centrada na população, que

exigiria mais tropas de reforço. Em novembro de 2009, o Presidente Obama aprovou um novo plano para o país e um acréscimo de 30 mil soldados norte-americanos²⁷. A nova missão da OTAN incluía conquistar o controle de importantes centros populacionais e linhas de comunicação e desenvolver a capacidade de governança²⁸. Assim, os EUA finalmente começaram a tratar de todos os três componentes da trindade, concentrando-se, porém, na população afegã, oito anos após a invasão inicial.

Apesar do renovado foco na população, segundo os dados de um relatório secreto da OTAN, vazados para a BBC em janeiro de 2012, o apoio popular à insurgência no Afeganistão havia aumentado, e o segmento civil da população vinha acolhendo de bom grado os esforços do Talibã no sentido de estabelecer a governança²⁹. Mesmo que as Forças da OTAN tivessem mais êxito em atrair a população afegã, isso não teria exercido



Agentes de resgate exibem a bandeira dos EUA no Pentágono após o ataque do 11 de Setembro.

um efeito decisivo sobre o esforço de guerra do Talibã. O Afeganistão tem mais de 30 milhões de habitantes³⁰. Se as Forças contrainsurgentes obtivessem o apoio de 90% da população (um improvável grau de sucesso), ainda restaria ao Talibã um sistema de apoio com 3 milhões de pessoas. Até agora, o rumo da Operação *Enduring Freedom* refuta a ideia de que métodos puramente centrados no inimigo ou puramente centrados na população produzam êxito. Os talibãs haviam sido quase totalmente expulsos do Afeganistão, mas o fato de a OTAN não ter capacitado o governo afegão nem conseguido proteger e controlar a população deu margem a seu retorno. Agora que o Talibã se restabeleceu naquele país, conquistar a população, mesmo que isso seja possível, não será suficiente para expulsá-lo.

Conclusão

Sem dúvida, um método abrangente, que busque a vitória ao longo de várias dimensões

simultaneamente, seria um empreendimento enorme, custoso e sangrento. É por essa razão que os formuladores de políticas devem entender a necessidade de uma estratégia abrangente antes de se comprometerem com uma campanha de contrainsurgência, como deveriam compreender no caso de qualquer conflito. Os contrainsurgentes quase sempre lidarão com restrições de recursos, mas teorias que prometam um atalho ao se concentrarem em uma única dimensão de uma insurgência são um embuste, uma promessa de “remédio milagroso”, e devem ser rejeitadas. Não serão uma base adequada para que estadistas e comandantes tentem cumprir o preceito de Clausewitz de entender a natureza do conflito. Não existe uma maneira fácil de atacar o centro de gravidade de uma insurgência, e não há uma única vulnerabilidade crítica. Como afirmou Clausewitz: “o vitorioso [...] deve atacar com toda a sua força e não apenas contra uma fração da força do inimigo”³¹ (ênfase do autor). Boyd também descreveu tal campanha de contrainsurgência abrangente, enumerando os esforços que precisam ser empregados em relação ao campo militar, à população e ao governo simultaneamente para se obter o êxito³². Até o FM 3-24 recomenda uma ampla gama de táticas, que abarcam diversas linhas de ação, mas ele o faz de uma forma confusa, ao mesmo tempo que declara o caráter central da população. Caso permaneça preso a descrições superficiais e em voga sobre a contrainsurgência, o setor de Defesa continuará, como alertou Colin S. Gray, a “estimular um massacre indiscriminado de conceitos equivocados e corretos, ‘culpados’ e ‘inocentes’”³³.

O manual de contrainsurgência dos EUA está sendo revisado atualmente. Evidentemente, a doutrina não é teoria, e sim um conjunto de melhores práticas que tiveram sucesso no passado. Contudo, é recomendável que se entenda o contexto teórico corretamente, para que ele melhor sirva de base à doutrina. Até agora, o setor de Defesa foi negligente quanto a esse requisito essencial. Uma teoria fundamental, como a apresentada na obra *Da Guerra*, de Clausewitz, que busca, primeiro, entender a natureza da guerra de modo holístico,

deve servir de ponto de partida para a formulação de qualquer teoria, em vez de textos específicos sobre a contrainsurgência. Até agora, esses textos consistiram em coletâneas de práticas específicas a um tempo e espaço em particular. Embora devam, sem dúvida, contribuir para a formulação da estratégia dos EUA futuramente, eles são insuficientes. Os teóricos que compreendam mal ou se atenham a trechos em *Da Guerra* para apoiar uma fantasia imatura de contrainsurgência centrada no inimigo devem ser ignorados. Já está mais do

que na hora de as Forças Armadas dos EUA irem além da dicotomia simplista entre população e inimigo e entenderem que, embora represente um tipo específico de combate, a contrainsurgência consiste, ainda sim, em guerra e está, portanto, sujeita às mesmas forças imutáveis e atemporais que qualquer outra guerra. A falta de familiaridade dos EUA com a contrainsurgência e as feridas que ainda existem em relação à Guerra do Vietnã nos cegaram para esse fato. Já está mais do que na hora de tirarmos a venda dos olhos.**MR**

Trechos deste artigo foram extraídos de uma pesquisa realizada para o U.S. Naval War College. Meus agradecimentos especiais a Megan J. Hennessey, instrutora de comunicação na Expeditionary Warfare School, e a Adam Stahl, Adam Elkus, Alex Olesker, Kelsey D. Atherton, Robert Caruso, Rei Tang e Dan Trombly por seu auxílio neste projeto.

REFERÊNCIAS

1. RID, Thomas. "The Nineteenth Century Origins of Counterinsurgency Doctrine", *Journal of Strategic Studies* 33 (Oct. 2010): p. 727-58.
2. CLAUSEWITZ, Carl Von Clausewitz. *On War*, trans., Michael Howard and Peter Paret (Princeton: Princeton University, 1989), p. 89. [Os trechos da obra *Da Guerra* foram extraídos da tradução do inglês para o português do CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle, a partir da versão em inglês de MICHAEL HOWARD e PETER PARET. — N. do T.]
3. *Ibid.*, p. 596.
4. *Ibid.*, p. 482.
5. BOYD, John. *Patterns of Conflict*, apresentação não publicada, slide 177. Disponível em: <<http://dnipogo.org/john-r-boyd>>.
6. BOYD, John. *A Strategic Game of ? and ?*, apresentação não publicada, slide 51. Disponível em: <<http://dnipogo.org/john-r-boyd>>.
7. *Rid*, 750.
8. BERGEN, Peter. *The Longest War: The Enduring Conflict Between America and Al-Qaeda* (New York: Free Press, 2011), p. 55.
9. *Ibid.*, p. 67.
10. *Ibid.*, p. 79.
11. *Ibid.*, 180.
12. JONES, Seth G. *In the Graveyard of Empires: America's War in Afghanistan* (New York: Norton, 2010), p. 142.
13. *Ibid.*, p. 149.
14. BERGEN, p. 180.
15. *Ibid.*, p. 179.
16. *Ibid.*, p. 180.
17. *Ibid.*, p. 181.
18. JONES, p. x.
19. *Ibid.*, p. xxiv.
20. BERGEN, p. 185.
21. WOODWARD, Bob. *Obama's Wars* (New York: Simon & Schuster, 2010), p. 177-78.
22. GUIZSTOZZI, Antonio. *Koran, Kalashnikov, and Laptop: The Neo-Taliban Insurgency in Afghanistan* (New York: Columbia, 2008), p. 46.
23. BERGEN, p. 144-46.
24. WOODWARD, p. 123-24.
25. *Ibid.*, p. 176.
26. *Ibid.*, p. 177.
27. *Ibid.*, p. 386-87.
28. *Ibid.*, p. 385-87.
29. "In quotes: Excerpts from NATO report on Taliban", BBC, 1 Feb. 2012, Web, 16 Mar. 2012.
30. "Afghanistan", The World Factbook, July 2012 estimate. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/af.html>>. Acesso em: 22 oct. 2012.
31. CLAUSEWITZ, p. 596.
32. BOYD, John. *Patterns of Conflict*, apresentação não publicada, slide 108. Disponível em: <<http://dnipogo.org/john-r-boyd>>.
33. GRAY, Colin S. "Concept Failure? COIN, Counterinsurgency, and Strategic Theory", *Prism* 3, no. 3. Disponível em: <<http://www.ndu.edu/press/concept-failure.html>>. Acesso em: 12 nov. 2012.